

# A INFLUÊNCIA DA VIDA DE GRACILIANO RAMOS NA CONTRUÇÃO DA PERSONAGEM FABIANO EM “VIDAS SECAS”

SANTOS, Igor Augusto Dantas.

dantas\_1000@hotmail.com

LIMA, Luiz Eduardo de (Orientador)

Graduado em Letras – Especialista em Literatura Brasileira, Professor do curso de Letras da Universidade Tiradentes - UNIT.

## RESUMO

Vidas secas é a mais conhecida obra do escritor Graciliano Ramos, esta obra pode ser considerada uma crítica a República do Brasil pelo abandono do sertão brasileiro, sertão que Graciliano Ramos viveu a maior parte de sua infância e retirou todos os elementos para construir sua obra.

Todo o problema sofrido pelo povo do sertão é personificado na personagem Fabiano, personagem que é o líder da família em “Vidas secas”. O autor demonstra Através de Fabiano como o ambiente interfere na mente das pessoas, influenciando o comportamento e a visão de mundo.

## INTRODUÇÃO

Graciliano Ramos nasceu no estado de Alagoas em 1892. Sua infância está ligada ao contexto encontrado no nordeste brasileiro, desse lugar o autor retirou elementos que influenciaram na produção de seus romances, que foram: a paisagem agreste, pequenas cidades, o caboclo. Contudo, é bom ressaltar que nunca o cenário embora importante, prevaleceu sobre o psicológico de suas personagens. Na obra *Vidas Secas*, o autor revela ao leitor toda a complexidade da mente humana, mergulhando fundo na alma das personagens, tendo como cenário o Nordeste brasileiro abalado pela seca no começo do século XX.

As questões psicológicas na obra de Graciliano Ramos são constantemente observadas, porém em *Vidas Secas* em vez de enfatizar o conformismo do homem, Graciliano Ramos faz uma relação entre os personagens e o ambiente que o cerca, estabelecendo entre ambos um vínculo poderoso. São encontrados em seus romances, especificamente em *Vidas Secas* essa característica, sendo, portanto o objeto de estudo deste artigo procurando demonstrar como ocorre a interferência da realidade exterior (o ambiente) na mente do homem..

*Vidas Secas*, a obra mais conhecida de Graciliano Ramos, abre ao leitor o universo mental de um pobre homem, o vaqueiro Fabiano, tangido pela seca e pela opressão dos patrões e autoridades.

## A HISTÓRIA DE VIDA DO AUTOR GRACILIANO RAMOS

A história da vida da Graciliano Ramos esta intimamente ligada a suas obras, ele usa acontecimentos da sua vida para construir suas personagens e contos, no caso da sua mais conhecida obra, “Vidas secas”, o ambiente da seca no nordeste, lugar onde vivia, Fabiano e sua família foram inspirados em fatos vivenciados pelo próprio autor, por esse motivo, para compreendermos melhor sua obra é necessário conhecer a historia da vida deste grande escritor, que será explanada a seguir.

Graciliano Ramos nasceu no dia 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrângulo, sertão de Alagoas, filho primogênito dos dezesseis que teriam seus pais, Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos. Viveu sua infância nas cidades de Viçosa, Palmeira dos Índios (AL) e Buíque (PE), vivenciando as épocas de secas e as surras que lhe eram aplicadas por seu pai, o que o fez, desde cedo, a idéia de que todas as relações humanas são regidas pela violência. Em seu livro autobiográfico "Infância", o autor fazia referência aos seus pais, falando deles da seguinte maneira: "Um homem sério, de testa larga [...], dentes fortes, queixo rijo, fala tremenda; uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza [...], olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura".(RAMOS,1987,p.16).

Em 1894, a família muda-se para Buíque (PE), onde aprende a ler e escrever.

No ano de 1904, retornam ao Estado de Alagoas, indo morara em Viçosa. Lá, Graciliano Ramos cria um “jornalzinho” dedicado às crianças intitulado "Dilúculo". Posteriormente, redige o jornal "Echo Viçosense", que tinha como redator Mário Venâncio.

Retornou em 1905, vai para Maceió onde freqüentou o Colégio Quinze de Março, devido ao suicídio de Mário Venâncio, em fevereiro de 1906, o jornal deixa de ser publicado. Graciliano publicou também na revista carioca "O Malho", escrevendo sonetos sob o pseudônimo de Feliciano de Olivença. Em 1909, passa a colaborar com o "Jornal de

Alagoas", publicando o soneto "Céptico" assinando com o pseudônimo de Almeida Cunha. Até 1913, usando outros pseudônimos como: S. de Almeida Cunha, Soares de Almeida Cunha e Lambda, este usado em trabalhos de prosa. Desde o ano de 1915 colabora com a revista "O Malho", usando alguns dos pseudônimos citados e também o de Soares Lobato, uma referência à Monteiro Lobato. Respondeu a inquérito literário movido pelo "Jornal de Alagoas", no ano de 1910. Em outubro do mesmo ano, mudou-se para Palmeira dos Índios.

Passando em 1911 a colaborar com o "Correio de Maceió", com o pseudônimo de Soares Lobato. Em 1914, embarcou para o Rio de Janeiro (RJ) no vapor Itassuoê. A partir desse ano, trabalhou como revisor de provas tipográficas nos jornais cariocas "Correio da Manhã", "A Tarde" e "O Século". Colaborando com o "Jornal de Alagoas" e com o fluminense "Paraíba do Sul", usando as iniciais R.O., que significava Ramos de Oliveira. Voltou a Palmeira dos Índios, em meados de 1915, onde trabalha como jornalista e comerciante. Casando-se com Maria Augusta Ramos, que faleceu em 1920, deixando quatro filhos menores. Em 1927, é eleito prefeito da cidade de Palmeira dos Índios, cargo no qual é empossado em 1928.

Escreveu o seu primeiro relatório ao governador de Alagoas Álvaro Paes, um resumo descrevendo os trabalhos realizados pela Prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928, publicado pela Imprensa Oficial de Alagoas em 1929, a veia literária do escritor se revela ao abordar assuntos rotineiros de uma administração municipal. No ano seguinte, 1930, volta o então prefeito Graciliano Ramos com um novo relatório ao governador. Em 1932, renunciou o cargo de prefeito foi para a cidade de Maceió, onde tornou-se diretor da Imprensa Oficial. Casou-se novamente, desta vez com Heloisa Medeiros.

Colabora com jornais usando o famoso pseudônimo de Lúcio Guedes, entre outros.

Pediu demissão do cargo de diretor da Imprensa Oficial e retornou a Palmeira dos Índios, lugar em que fundou a urna escola no interior da sacristia na igreja Matriz e iniciando

o romance São Bernardo, obra prima da literatura modernista brasileira.

O ano de 1933 foi marcado pelo lançamento de seu primeiro livro, "Caetés", que já trazia consigo o pessimismo que marcou sua vida, a obra vinha sendo escrita há oito anos, mostrando nesse romance a principal característica de suas obras "o pessimismo".

No ano seguinte, publicou "São Bernardo", coincidentemente ocorreu, no mesmo ano, o falecimento do seu pai, Sebastião Ramos, na cidade de Palmeira dos Índios.

Em março de 1936, foi acusado de ter conspirado no malsucedido levante comunista de novembro de 1935, é demitido, preso em Maceió e enviado a Recife, onde é embarcado com destino ao Rio de Janeiro no navio "Manaus", contudo a acusação não teria sido formalizada. O país estava sob a ditadura de Vargas e do poderoso coronel Filinto Müller. No período em que esteve preso no Rio, até janeiro de 1937, passou pelo Pavilhão dos Primários da Casa de Detenção, pela Colônia Correccional de Dois Rios (na Ilha Grande), voltou à Casa de Detenção e, por fim, pela Sala da Capela de Correção. Seu livro "Angústia" foi lançado no mês de agosto do mesmo ano. Esse romance já agraciado, com o prêmio "Lima Barreto". Foi libertado e passou a trabalhar em jornais do Rio de Janeiro, em 1937. Em maio, a "Revista Acadêmica" dedica-lhe uma edição especial, de número 27 - ano III, com treze artigos sobre o autor. Recebendo assim o prêmio "Literatura Infantil", do Ministério da Educação, com "A terra dos meninos pelados". Sendo publicado no ano posterior seu famoso romance "Vidas secas".

## CORRELAÇÃO ENTRE GRACILIANO E SUA OBRA VIDAS

### SECAS

Foi a partir de suas experiências de vida, uma criança que fugiu da seca e se tornando-se um líder político da região onde viveu, que foi inspirado Vidas secas. O conjunto de

contos que formam o romance marcado pelo apelo político social, denunciando todo o sofrimento do povo nordestino, mostrando as dificuldades de viver em um ambiente quase inabitável, com problemas sociais que eram omitidos pelos governantes.

Em uma carta escrita por Graciliano Ramos, seis anos após a publicação de *Vidas secas*, para o colunista da revista “O Cruzeiro” João Conde, foi explicado a construção do livro *Vidas secas*, da qual foi retirado este trecho:

"... no começo de 1937 utilizei num conto a lembrança de um cachorro sacrificado na Maniçoba, interior de Pernambuco, há muitos anos. Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de Sinhá Vitória, meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos..." (RAMOS, 1980, p.89).

Graciliano Ramos narra a João Conde que escreveu em primeiro lugar o capítulo *Baleia*, o nono no Romance, imaginando restringir seu trabalho àquele pequeno conto sobre a morte do animal, contudo em um fim de tarde do dia 7 de maio de 1937 foi introduzido o primeiro passo na construção do romance, ao concluir o conto “*Baleia*”, e resolveu transforma-lo em um capítulo do romance. Após terminar o conto Graciliano Ramos escreveu para sua esposa Heloísa Ramos, dizendo:

“Escrevi um conto sobre a morte duma cachorra um troço difícil, como você vê: procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorra? Não me importa. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos desejamos [...]. No fundo somos como minha cachorra *Baleia* e esperamos preás. É a quarta história feita aqui nesta pensão. Nenhuma delas tem movimento, há indivíduos parados. Tente saber o que eles tem por dentro. Quando se trata de bípedes, nem por isso embora certos bípedes sejam ocós; mas estudar o interior duma cachorra é realmente uma dificuldade quase tão grade quanto sondar o espírito dum literata alagoano. Refiro-me a animais de dois pés, joga com as mãos deles, com os ouvidos, com os olhos. Agora é diferente. O mundo exterior revela-o a minha *Baleia* por intermédio do olfato, e eu sou um bicho de péssimo faro. Embora parece que o conto está bom, você há de velo qualquer dia no jornal”. (RAMOS, 1980, p.92).

Aos poucos, lembranças que vinham da sua própria vida, escreveu os doze capítulos restantes que, aos poucos, tomando a forma definitiva de seu único livro cujo tema é “o

Nordeste e seus problemas”, a seca que expulsa as pessoas de seu território, transformando-as em bichos esfomeados e sedentos.

## O AUTOR E PERSONAGEM-CHAVE DA OBRA

Todo esse sofrimento é transcrito para os personagens do romance principalmente no líder da família o vaqueiro Fabiano. Graciliano Ramos põe em Fabiano todo o sofrimento do homem nordestino no sertão brasileiro sendo influenciado pelo ambiente da seca, situação que o autor conheceu de perto durante a sua infância na fazenda do seu pai, Sebastião Ramos, onde ele e sua família conviveram com um duro período de seca. Ao lermos Vidas secas temos a exata noção de como o ambiente que nos rodeia afeta nossa maneira de viver e pensar sobre o mundo.

A personagem Fabiano é, na verdade, não um herói que a narrativa exige, mas um anti-herói que sua própria alma acolhe. Duro como a própria terra que nunca o acolhe nem abriga, é mesmo o bicho com o qual se designa. Como pedo-se observar neste trecho do romance:

"Pisou com firmeza o chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaratou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar, regalado".

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era um homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

- Você é um bicho, Fabiano."(RAMOS,1989,p. 53)".

A linguagem, utilizada na obra, explicitada no trecho supracitado, é enxuta, econômica de adjetivos, ressecada feita o homem a que nomeia, feita a natureza que o cerca, ao destino cruel que o espera, tendo semelhança com o ambiente que o cerca.

O autor evitou propositalmente os diálogos, porque Fabiano influenciado pela natureza de sua região é rude demais para se exprimir na forma de fala. A personagem apenas aponta, indica com os beijos e resmungo, usando interjeições e gestos para comunicar-se. Pertencente, pois, à sua própria vida seca, ao mundo de espinhos e seixos, de mandacarus e arbustos retorcidos. O mundo com impossibilidade de melhoria.

Por isso, na obra o vaqueiro Fabiano se depara com as seguintes situações:

- a marginalização do sertanejo
- a submissão
- a incomunicabilidade com os opressores
- a impotência do homem diante do ambiente de seca
- a solidão dos seres
- a miséria física e intelectual
- a revolta interior do injustiçado
- a zoomorfização
- a incapacidade da compreensão do mundo
- a consciência do existir

Graciliano Ramos valoriza o psicológico das suas personagens, captando, sobretudo na figura de Fabiano, as dores e desejos, seus amores e ódios, suas fraquezas e vícios humanos, dando-lhes contornos íntimos e profundos.

A atmosfera de imobilidade, mencionando pelo próprio escritor, se deve à escolha por um narrador que procura adivinhar e que se passa na alma de suas personagens, explicitando o que eles tem por dentro.

Mesmo sendo o seu único livro com a objetividade da terceira pessoa, o autor ainda assim conserva a rusticidade das suas obras anteriores, tentando compreender o mundo que os cerca ajustando-o a sua visão de homem encontrado no vaqueiro Fabiano com a de um animal, pois a cachorra Baleia, já famosa em nossa literatura, também tem os seus problemas, e sendo sutilmente comparado como vínculo entre a inconsciência da natureza e a frouxa consciência de Fabiano.

A posição de indivíduo parado tem como principal motivo à origem social do vaqueiro Fabiano e sua família a seca e a pobreza transformou Fabiano em um sujeito calado sem perspectiva de nada, como se ele não tivesse direito a nada nem ao menos a um pedaço de terras nem a uma linguagem, como se pode observar neste pequeno trecho do romance:

“Fabiano vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais [...] Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e grotal que o companheiro entendia. Às vezes (Fabiano) utilizasse nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas”. (RAMOS, 1989, p. 19)

O uso continuado do discurso indireto livre reforça o mergulho no mundo interior, no universo mental fragmentado de Fabiano. Esse ser semimudo, fechado na ignorância e no analfabetismo, dá-se a entender que o conflito vivido por ele é o mesmo vivido por uma

criança que precisa aprender a falar – ou como o homem primitivo lançou a primeira palavra, como observa o lingüista Merleau – Ponty.

Fabiano vive ruminando “palavras inúteis” e sem sentido em um mundo incompreensível a sua volta. Ele pensa que somente com o domínio de uma linguagem pode levá-lo a compreender a natureza hostil e a enfrentar de modo menos desigual os falantes da cidade, o padrão, a autoridade injusta do soldado que o rejeita, o reprime, o explora e humilha.

O vaqueiro Fabiano se vê como um bicho, uma coisa, um escravo, sua auto-imagem é construída a partir de identificações com cachorros, urubus, tatus, patos e com o próprio papagaio mudo que ele um dia possuiu. Ele também se sente coisa (uma bolandeira, um traste) e escravo negro (apesar de ser ruivo e ter olhos azuis), por não possuir terra e ser obrigado a trabalhar para os outros. É curioso lembrar que o substantivo “Fabiano” do antroponímico “Fabiano”, significa “indivíduo inofensivo; pobre-diabo; indivíduo qualquer, desconhecido sem importância”, sinônimo de “João-ninguém”. (Dicionário Novo Aurélio – Século XXI).

Sendo descrito no seguinte trecho:

“Movia-se como uma coisa, para bem dizer. Não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás [...] Ele a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura pareciam ratos [...] Não provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia”.(RAMOS, 1989, p. 51)

Em outro trecho do romance, o narrador o compara à animais, onde diz:

“Fabiano andava banzeiro, pesado, direitinho um urubu [...] Evidentemente os matutos como ele não passavam de cachorros [...] Se lhe dessem o que era ele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos dos patrões e nunca reagia”.(RAMOS, p. 63)

As páginas de realismo crítico de Vidas Secas da voz aos personagens emudecidos pela injustiça social. É o meio (a natureza e o latifúndio) que arrasta para a degradação os destinos de Fabiano e sua família.

No silêncio e no isolamento, fazendo exames de consciência e adivinhando o mistério dos códigos, Fabiano precisa aprender a falar para penetrar na barreira que o isola do resto do mundo, sobre esse assunto o crítico literário Alfredo Bosi diz:

“O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeto e conflito numa conduta de extrema dureza, que é a sua única máscara possível. E o romancista encontra no trato analítico dessa máscara a melhor fórmula de fixar as tensões sociais.(BOSI, 1979 p.33)

Não é difícil que o leitor se apiede desse ser sofredor, injustiçado, criado na rudeza dos cocorotes, cascudos e puxões de orelhas, acostumado à incomunicabilidade dos bichos, como se desgraças grandes ou dores fortes demais não encontrassem expressão possível na linguagem humana, quase resignado a seu vocabulário minguando, a viver trocando sons guturais, onomatopéias, cochichos, gestos e mímica.

Talvez sejam Vidas Secas e Infância os romances de Graciliano Ramos em que os conflitos de linguagem dos personagens mais se confundem com a busca do próprio escrito por uma via de expressão, por uma primeira palavra que faça sentido e se distinga de simples grito bruto, tosco e primitivo.

Fabiano tem as mesmas características do menino que protagoniza Infância, os dois estão envolvidos num momento inicial de comunicação, de “balbúcio infantil”.

O menino de Infância – também ali chamado de um “um pequeno animal” – está envolto num turbilhão de ruídos, ele tenta entrar no domínio das palavras, da fala.

O desafio de Fabiano e sua família é decifrar o mistério dos códigos é dominar o universo de signos que transformam o outro (o patrão, o soldado amarelo, seu Tomás da bolandeira) em seres sócio-culturalmente superiores. A língua para Fabiano é um ser tão poderoso quanto a seca.

Para criar todo esse ambiente de imobilidade sócio-lingüística de Fabiano e sua família o autor usou uma estrutura, em sua obra, muito ousada para sua época, ele fragmentou o romance em pequenos contos independentes, com uma linguagem enxuta e simples, porém, eles se intercalam em uma história concisa. Essa estrutura do romance pode ser comparada a mente de Fabiano, uma mente fragmentada, com ideais simples e inocentes.

## ELEMENTOS DA NARRATIVA ENCONTRADOS NA OBRA

### NARRATIVA:

Vidas Secas foi escrita em 13 capítulos, numa linguagem "seca e enxuta", tipicamente nordestina, tipicamente de Graciliano Ramos.

Até certo ponto, os capítulos podem ser lidos separados uns dos outros, como se fossem pequenos contos, destacáveis do corpo da narrativa maior, onde estão enfeixados. No entanto, ligam-se uns aos outros pela temática: uma família de nordestinos, suas dificuldades, desgraças cotidianas.

### TEMPO:

A ação ocorre entre dois períodos de estiagem (primeiro e último capítulo). Embora haja algumas referências cronológicas presentes na obra, há uma diluição do tempo cronológico para o predomínio do psicológico.

### ESPAÇO:

Sertão nordestino

**NARRADOR:**

Narrado em 3ª pessoa, é o narrador que se interioriza nos pensamentos dos personagens para revelá-los ao leitor, já que os personagens possuem uma linguagem precária. Assim, o texto fica estruturado no discurso indireto livre (predominante), onde o narrador "toma posse" do discurso dos personagens para expô-los, evidenciando seus medos, desejos, raivas e frustrações através de monólogos interiores. O foco narrativo ganha destaque ao converter em palavras os anseios e pensamentos das personagens.

**PERSONAGENS:****FABIANO:**

O dicionário Aurélio dá a definição de Fabiano como sendo *indivíduo inofensivo; pobre diabo*. Tal significação é reiterada a todo instante na obra. Fabiano fica dividido entre a revolta e a passividade, optando pela segunda atitude diante de sua impotência. Tal impotência é reforçada pela não aquisição da linguagem, que é o seu maior anseio. Toma como exemplo seu Tomás da bolandeira, tentando de forma caótica imitar-lhe o vocabulário. Por não saber se expressar, entra num processo de isolamento, aproximando-se dos animais, com os quais se identifica melhor.

**SINHA VITÓRIA:**

Mais astuta do que o marido, é ela que percebe as trapaças do patrão (cap. 10) e também o início da estiagem (cap. 12). Possui um espírito inconformado com sua situação,

tendo como desejo de consumo uma cama de couro igual à do seu Tomás da bolandeira. Seu inconformismo faz com que ela se transforme em uma pessoa queixosa, sendo impaciente com os filhos e um tanto quanto amargurada.

#### OS MENINOS:

A ausência de nomes ou outras formas de identificação acaba por projetá-los ao anonimato, formulando assim um caráter de denúncia social. Enquanto o mais novo vê no pai um ídolo, um modelo a ser seguido, o mais velho é curioso, possui o desejo do saber.

#### BALEIA:

A conotação do nome Baleia ganha dois sentidos. Além de ser uma ironia requintada feita pelo autor, figura também como uma compensação pela carência de água.

Ela é humanizada em vários momentos, tornando-se um membro da família, sempre se solidarizando com esta (o episódio do preá e do consolo que dá ao menino mais novo quando este cai do bode e fica triste). Sua solidariedade é desinteressada, pois além de ser bastante enxotada, fica sempre com os ossos, contentando-se com o pouco.

#### SEU TOMÁS DA BOLANDEIRA:

Personagem que só aparece por meio de evocações (pois já havia morrido), é tido como referência para Fabiano e sinhá Vitória. Enquanto Fabiano admira sua linguagem, tentando imitá-la de forma desconexa, sinhá Vitória deseja uma cama de couro igual à sua. Dessa forma, ele representa as aspirações de mudança do casal.

### O SOLDADO AMARELO, O DONO DA FAZENDA E O FISCAL DA PREFEITURA:

Os três personagens são representantes das instituições sociais que oprimem Fabiano .  
O soldado - corrupto, oportunista e medroso; o dono da fazenda- exigente, ladrão e opressor ;  
o fiscal da prefeitura intolerante e explorador.

### ESTILO E LINGUAGEM:

O uso excessivo de adjetivos é evidente, centrando-se, o autor, no substantivo (criteriosamente selecionados). Os períodos são curtos, o que realça um estilo conciso, "seco".

Graciliano ainda utiliza de expressões regionais, adequando-os à sintaxe tradicional. A ausência de diálogos se faz presente devido a uma ausência vocabulário por parte das personagens, que se comunicam através de onomatopéias, exclamações, resmungos e gestos, enfatizando a animalização (zoomorfização) dos personagens, que são marginalizados também pelo fator lingüístico. Por esse fator, há a predominância do discurso indireto livre, onde o narrador, através de monólogos interiores, ordena logicamente o discurso dos personagens.

### CONSIDERAÇÕES GERAIS:

O grau de verossimilhança na caracterização de Fabiano e sua família é muito grande. A brutalidade da seca faz com que os personagens também se embruteçam, daí a freqüente recorrência do autor ao compará-los com animais, revelando seus aspectos rústicos. Há uma evidente zoomorfização das personagens. Elas não falam, mas grunhem, rosnam, gesticulam e falam palavras soltas. Cabe ao narrador interpretar e expor os seus desejos e anseios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do artigo é percebida através das características de Fabiano que possui traços semelhantes ao Graciliano Ramos em sua infância.

Em seu romance Vidas Secas, Graciliano Ramos revela aos seus leitores toda a problemática vivida pelo povo do agreste nordestino brasileiro, indo mais profundamente que outros autores brasileiros que tinham o agreste nordestino como tema em suas obras, Graciliano Ramos não só mostrou o sofrimento das pessoas que vivem naquela região, como também mostrou como aquele ambiente interfere na mente e na alma do homem.

Vidas Secas levou os leitores a possuírem perspectiva do mundo que os cercavam, abrindo os seus olhos para a realidade existente, interferindo em suas mentes. No artigo foi relatado que os artifícios literários usados por Graciliano Ramos para demonstrar a interferência da realidade exterior na mente do vaqueiro Fabiano, também fizeram parte da sua história de vida quanto nordestino.

O presente artigo tem como finalidade mostrar aos futuros pesquisadores como a vida de um autor interfere na construção de sua obra, abrindo caminhos para novas perspectivas interpretativas ao observarem o processo pelo qual o autor baseia-se na construção do ambiente, enredo, personagens e narrativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**RAMOS**, Graciliano. **Vidas secas**. Editora Record, Rio de Janeiro. 59ª ed., 1989.

**BOSI**, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, São Paulo. 1979

**SODRÉ**, Nelson Werneck. **Historia da literatura brasileira**. Bertrand Brasil, São Paulo.  
1983.

**PONTY**, Maurice Merleau. **A Linguagem indireta e as vozes do silêncio**. Abril, São Paulo.  
1980.

**CANDIDO**, Antônio. **Tese e antítese**. Editora Nacional, São Paulo. 1978.